

**AS INFLUÊNCIAS DOS FATORES DEMOGRÁFICOS E SOCIOECONÔMICOS NO
CONHECIMENTO FINANCEIRO DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO: UM
ESTUDO NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE UBERLÂNDIA- MG.**

Marcella Alves da Silva

Graduanda do 5º período em Ciências Contábeis
Universidade Federal de Uberlândia/ Faculdade de Ciências Contábeis
Av. João Naves de Ávila, 2.121. Bloco F - Campus Santa Mônica Uberlândia-MG –
Marcella2106@gmail.com - Fone: (11) 96707-1509.

Edvalda Araújo Leal

Doutora em Administração pela Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP)
Universidade Federal de Uberlândia/ Faculdade de Ciências Contábeis
Av. João Naves de Ávila, 2.121. Bloco F– Sala 1F246 - Campus Santa Mônica Uberlândia-
MG - edvalda@ufu.br - Fone: (34) 3230-9495.

Tamires Sousa Araújo

Doutoranda em Ciências Contábeis Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis
Universidade Federal de Uberlândia/ Faculdade de Ciências Contábeis
Av. João Naves de Ávila, 2.121. Bloco F– Sala 1F256 - Campus Santa Mônica Uberlândia-
MG - E-mail: tamiresousa124@hotmail.com - Fone: (34) 3239-4176.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é identificar como as características demográficas e socioeconômicas influenciam conhecimento financeiro dos estudantes do ensino médio. A pesquisa é descritiva e a abordagem é quantitativa, tendo sido utilizado o levantamento de dados com a aplicação de questionário aos estudantes do ensino médio matriculados em escolas públicas de Uberlândia-MG. Para a análise da pesquisa, utilizaram-se dois testes estatísticos não paramétricos: Mann-Whitney (MW) e Kruskal-Wallis (KW). A amostra do estudo é composta de 976 alunos matriculados no ensino médio. Os resultados indicam que não existe uma educação financeira efetiva entre os jovens do ensino médio, verificando-se um baixo domínio sobre assuntos concernentes a consumo, dinheiro no tempo e poupança. Constatou-se, pelos testes estatísticos, que o conhecimento financeiro dos estudantes de ensino médio é estatisticamente diferente quanto ao gênero, pretensão em ingressar ou não no ensino superior; período em que está cursando o ensino médio e renda familiar. A comparação entre a idade dos estudantes e a escolaridade dos pais não apresentou diferenças significativas entre os grupos pesquisados. Espera-se que o estudo contribua para incentivar ações dirigidas para a educação financeira de jovens, principalmente, no ensino médio. Ademais, percebe-se a necessidade de políticas públicas ou iniciativas privadas que auxiliem os jovens a planejarem suas finanças pessoais, o que poderá contribuir para a administração dos recursos financeiros pessoais e familiares.

Palavras-chave: Ensino médio; Educação Financeira; Conhecimento Financeiro.

Área temática do evento: Educação e Pesquisa em Contabilidade.

1. INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira, ao longo de sua história, sempre conviveu com altas taxas de inflação e variações monetárias, o que afeta o poder aquisitivo dos indivíduos, principalmente, aqueles de baixa renda. Nesse contexto, os indivíduos tomam decisões de consumo de curto prazo e, muitas vezes, sem planejamento. Ademais, esses abandonam o hábito de poupar devido à instabilidade do ambiente econômico (DOMINGOS, 2017).

Com a implantação do Plano Real, em 1994, esse cenário sofreu grandes mudanças, como a estabilização econômica e baixos índices inflacionários, acarretando na melhoria da situação econômica do país. Essa situação exigiu uma nova cultura conservadora quanto ao planejamento dos recursos pessoais, além de adaptações financeiras da população e uma nova postura frente às implementações neoliberais do governo, as quais ampliaram o prazo e concessão de financiamentos e aumento das linhas de crédito. Esse cenário instigou os cidadãos a planejarem suas despesas frente às receitas, a fim de evitar endividamentos, principalmente, devido à facilidade da oferta de crédito (LIZOTE E VERDINELLI, 2014).

A preocupação com o entendimento do indivíduo sobre finanças pessoais é uma tendência mundial. Em vários países no mundo, com o respaldo da Organização das Nações Unidas (ONU), governo e sociedade se organizam com o fim de distribuir informações de finanças pessoais à população, principalmente, por meio de projetos de alfabetização financeira, incluindo-a no currículo escolar (MATTA, 2007; VIEIRA, BATAGLIA e SEREIA, 2011). Já no contexto brasileiro, há um longo trabalho a ser executado, uma vez que as autoridades ainda não desempenham a função de capacitar os indivíduos adequadamente no âmbito financeiro (SAVOIA, SAITO e SANTANA, 2007).

O nível de endividamento da sociedade revela que os brasileiros estão, cada vez mais, se comprometendo financeiramente. A Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo constatou que, em 2016, 58,7% das famílias se endividaram, o que impossibilita, por exemplo, a concretização de adquirir algum bem ou serviço em longo prazo, como, também, prejudica o bem-estar doméstico (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO, 2016).

Dessa maneira, a educação financeira torna-se essencial no cotidiano dos brasileiros, com o propósito de auxiliar e fornecer instrumentos na tomada de decisões envolvendo os seus gastos, direcionando a população para um consumo mais consciente. Conforme dados da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF, 2015, p.1), “a Educação Financeira convida a todos para ampliar sua compreensão a respeito dessas escolhas, sendo um conhecimento que possibilita o desenvolvimento de uma relação equilibrada com o dinheiro”.

O nível de conhecimento financeiro, ao evitar o endividamento, proporciona um bem-estar pessoal e para a sociedade, visto que indivíduos organizados financeiramente evitam medidas públicas para o controle da economia, como a elevação de impostos. Desse modo, quando as famílias mudam o comportamento, deixando de consumir desenfreadamente e poupando mais, gera-se uma nova fonte de financiamento para os outros setores da economia, portanto, a educação financeira traz benefícios para a sociedade como um todo (LUCCI, ZERRENNER e SANTOS, 2006; GADELHA, LUCENA e CORREIA, 2014).

Cristina e Henriques (2010) ressaltam a importância da educação financeira como meio propulsor do conhecimento, visto que essa educação permite aos indivíduos enfrentarem situações de endividamento e operações fraudulentas, bem como proporciona o aumento de oportunidade econômica e pleno proveito dos avanços tecnológicos e da diversificação dos produtos financeiros do mercado.

Diante do exposto, é largamente discutida a relevância da implantação de assuntos relacionados à educação financeira no ambiente escolar desde cedo, já que a criança, cada vez

mais, está vulnerável a propagandas, tendo esse tipo de educação a função de promover a formação de novos consumistas. Todavia, com o contato e formação do hábito financeiro, consegue-se construir uma base para uma relação mais equilibrada com o dinheiro na vida adulta (STEPHANI, 2005; SANTOS, 2011; SOUZA, 2012; GORLA, MAGRO, SILVA e NAKAMURA, 2016).

Os dados do Serviço de Proteção ao Crédito (2016) evidenciaram o crescimento do número de jovens nas listas de inadimplência, sendo cerca de 77% da juventude brasileira impulsiva na hora da compra, os quais se arrependem após a aquisição, pois a compra compromete seus recursos e/ou torna-se supérfluo (SPC, 2016). Diante desse quadro, o presente estudo se direcionou para entender o real conhecimento financeiro dos jovens do ensino médio na busca de responder o seguinte questionamento: Como as características demográficas e socioeconômicas influenciam o conhecimento financeiro dos estudantes do ensino médio? Assim, o objetivo deste trabalho é identificar como as características demográficas e socioeconômicas influenciam o conhecimento financeiro dos estudantes do ensino médio.

A presente pesquisa não busca esgotar todas as implicações que envolvem o tema, visto que já foram realizados estudos anteriormente com as variáveis investigadas, mas, sim, visa a contribuir para que se fomentem a discussão na busca por políticas de incentivo à educação financeira e corrobora com a literatura no que tange ao assunto. Entende-se que o presente trabalho contribuirá com o estudo da temática, pois este se propõe a identificar o conhecimento financeiro de jovens matriculados no ensino médio, com uma amostra representativa de 976 estudantes. A literatura aponta que a educação financeira influencia no processo de tomada de decisões de consumo, poupança e investimento dos discentes (LIZOTE; SIMAS; LANAS, 2012; VARGAS, 2015). Gorla et al (2016) complementa que os jovens estarão futuramente na vida adulta e desse modo tornando-se essencial o domínio financeiro para garantir o bem estar social.

Este artigo está organizado em cinco seções, sendo composto por esta introdução, em que se faz uma abordagem geral sobre educação financeira. Em seguida, apresenta-se a fundamentação teórica sobre o assunto. Posteriormente, descreve-se o método de análise e, em seguida, discutem-se os resultados. Finalmente, apresentam-se as considerações finais.

2. REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura subdivide-se em dois tópicos. Primeiramente, definem-se aspectos da Educação Financeira e Finanças Pessoais, como conceitos, objetivos e características. A seguir, evidencia-se a relação entre o conhecimento financeiro sob a ótica dos indivíduos, considerando-se as características demográficas e socioeconômicas.

2.1. EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO CONTEXTO NACIONAL

Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2005), a educação financeira é essencial para os indivíduos, uma vez que poderá ajudá-los no orçamento e na gestão de suas receitas, possibilitando o entendimento do ato de poupar e de investir com maior eficiência a fim de evitar o endividamento. O Banco Central (2015, p. 1) complementa que “a Educação Financeira é o processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram sua compreensão dos conceitos e produtos financeiros”.

Nesse sentido, a educação financeira possibilita a formação de consumidores mais conscientes dos seus gastos e mais exigentes quanto ao que o mercado tem a ofertar, impulsionando, desse modo, o crescimento e a diversificação desse mercado para atender o novo perfil de clientes. De acordo com Lizote et al. (2012), as pessoas que não são educadas financeiramente, em geral, comprometem parcelas expressivas de suas rendas, não

conseguindo atender a todos os compromissos firmados anteriormente, o que leva ao endividamento.

Vargas (2015) alerta que é primordial que a educação financeira aconteça desde a infância a fim de se tornar um bom gestor na vida adulta, isto é, um indivíduo capaz de administrar de maneira adequada todos os recursos financeiros disponíveis frente às despesas, e, dessa forma, possa cumprir seu papel na sociedade de maneira correta, ou seja, auxiliando e evitando o endividamento individual e dos seus familiares.

O estudo de Stephani (2005) buscou resgatar as experiências dos jovens participantes de um projeto de educação financeira existente em uma instituição de educação de ensino médio no Rio Grande do Sul, sendo abordados conteúdos de matemática financeira, produtos bancários, poupança e planejamento nos encontros inversos ao das aulas regulares. Dentre os resultados cabe destacar que os alunos relataram contribuições quanto ao despertar da visão prospectiva na relação com o dinheiro e a conscientização diante das decisões de consumo. Em concordância, Gorla et al (2016) afirmam que os pais e a escola são os principais agentes disseminadores na formação da educação financeira dos estudantes do ensino médio, uma vez que, nessa fase da vida, ainda está em desenvolvimento uma formação para a construção de um adulto consciente quanto ao controle de suas finanças.

Finanças pessoais, de acordo com Gitman (2004, p.4), é “a arte e ciência da gestão do dinheiro”. Nesse sentido, o termo envolve as situações financeiras inseridas no cotidiano, em que se exigem tomadas de decisões planejadas, a fim de trazer tranquilidade ao indivíduo quanto à forma pela qual vai administrar seus recursos financeiros. O autor complementa que, com o conhecimento de finanças pessoais, as pessoas poderão tomar melhores decisões financeiras, ou seja, podem conseguir gerir melhor os seus gastos e evitar o endividamento precoce (GITMAN, 2004).

Cerbasi (2004) sugere algumas ações consideradas essenciais para manter as finanças organizadas e saudáveis: controle dos gastos; estabelecimento de metas; disciplina com investimentos; ajustes referentes à inflação e mudanças na renda; e a administração do que já foi conquistado.

É oportuno destacar que a educação financeira, assim como o entendimento e o controle de gestão pessoal, deve fazer parte do cotidiano de qualquer indivíduo, desencadeando benefícios para uma vida próspera (SOHSTEN, 2004). Portanto, pode-se verificar, analisando os objetivos e as finalidades do planejamento pessoal e educação financeira, a importância de utilizá-los no cotidiano a fim de auxiliar os indivíduos na tomadas de decisões.

2.2. CONHECIMENTO FINANCEIRO SOB A ÓTICA DOS INDIVÍDUOS

No Brasil, a situação da educação financeira em todas as esferas é preocupante, considerando um país com alto desequilíbrio de renda, sendo, assim, necessárias medidas para corrigir tal distorção. Diante disso, é necessário que sejam implantadas medidas que envolvam vários agentes da sociedade, como instituições públicas, privadas e a escola, a fim de melhorar o conhecimento financeiro dos indivíduos (SAVOIA et al., 2007).

A pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nos anos de 2008 e 2009, com o propósito de verificar se o rendimento mensal familiar era suficiente para quitar as despesas do mês, apontou que 35,6 % das famílias brasileiras têm alguma dificuldade sobre a questão. A pesquisa ressalta ainda a ausência de controle e conhecimento financeiro, que, por consequência, pode desencadear o endividamento precoce. A pesquisa realizada por Lizote e Verdinelli (2015) utiliza-se de um instrumento com vinte e duas assertivas relativas ao conhecimento sobre finanças pessoais para analisar sua associação

com as características dos estudantes universitários de uma IES de Santa Catarina, dentre seus achados ressalta-se que a renda influencia o nível de conhecimento financeiro dos indivíduos.

Potrich, Vieira e Ceretta (2013) pesquisaram 534 estudantes universitários de diferentes semestres e cursos de universidades públicas e privadas da cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, evidenciando que os discentes apresentam baixo nível de conhecimento financeiro, o que acende um alerta para a necessidade de as instituições educacionais ofertarem disciplinas que envolvam questões sobre finanças a fim de reverter o quadro atual.

Posteriormente, Potrich, Vieira e Kirch (2015), em outro estudo com os habitantes maiores de 18 anos de sete mesorregiões do estado do Rio Grande do Sul, indicaram que os respondentes do gênero feminino, com filhos, baixo nível de escolaridade e renda própria são aqueles que mais se enquadram no nível de baixa alfabetização financeira. Esses resultados corroboram os achados de Monteiro, Fernandes e Santos (2011), ao apontarem que as mulheres têm insegurança com assuntos relacionados ao mercado financeiro.

Em outra perspectiva, Gorla et al (2016) analisaram os estudantes do ensino médio de 14 escolas da rede pública de Blumenau e região, constatando que não há uma educação financeira efetiva, uma vez que, dentre os 1.937 alunos entrevistados, somente 4,85% realizam algum tipo de investimento e somente poupam algum recurso conforme seja necessário, revelando pouco domínio dos pesquisados quanto aos conhecimentos financeiros. Conforme o autor, esse cenário resulta, principalmente, do fato de os jovens não serem obrigados a explicar aos pais como estão gastando seu dinheiro, além da falta de diálogo no ambiente familiar sobre assuntos que envolvam a gestão dos recursos.

Os estudos analisados evidenciaram algumas variáveis que impactam o conhecimento financeiro, como: o gênero, a idade, a renda e o grau de escolaridade do indivíduo e de seus pais. Quanto ao gênero, esses estudos identificaram que o gênero feminino apresenta maior propensão ao baixo nível de conhecimento financeiro (POTRICH et al., 2015). Já o perfil financeiro do gênero masculino indica características de educação financeira, apresentando melhor comportamento na administração de recursos financeiros (POTRICH, VIEIRA e PARABONI, 2013; GORLA et. al., 2016).

Em relação à idade, estudantes na faixa etária de 21 a 22 anos apresentam maiores índices de alfabetização financeira (POTRICH et al., 2013). Quanto à influência da renda no conhecimento financeiro, verificou-se que os indivíduos com maior renda detêm maior conhecimento financeiro, bem como as famílias com maior renda têm maior nível de educação financeira (POTRICH et al., 2013; GORLA et. al., 2016).

Referente ao grau de escolaridade dos pais identificou-se que os jovens que têm pais que já concluíram o ensino superior apresentam maior domínio e segurança sobre finanças (VERDINELLI, LIZOTE e OLIVARES, 2014).

Jobim e Losekann (2015) mensuraram a alfabetização financeira dos estudantes universitários da Universidade da Região da Campanha, Rio Grande do Sul, utilizando duas dimensões: conhecimento e comportamento financeiro. Os autores constataram que a maioria (37,3%) dos discentes apresenta baixo desempenho em relação ao conhecimento financeiro. Já em relação ao comportamento financeiro, o estudo apontou que, de modo geral, mais da metade (58,53%) dos respondentes apresentou um bom comportamento financeiro, porém um nível insuficiente de conhecimento sobre o assunto. Esses achados são similares aos encontrados por Potrich et al. (2013), Potrich et al. (2014), e Steiger e Braido (2016), os quais afirmaram que os estudantes do ensino superior ainda dispõem de baixo nível de conhecimento financeiro.

Falahati, Sabri e Paim (2012) investigaram os fatores que predizem a satisfação financeira e qual seria o efeito do comportamento financeiro em relação à alfabetização financeira. A pesquisa foi realizada com 700 universitários de cinco universidades da Malásia,

e, dentre os achados, verificou-se que os pais são os principais responsáveis por incentivá-los, desde a infância, ao convívio com situações financeiras, já que os estudantes que presenciaram essas situações se comportam melhor do que aqueles que não tiveram essa vivência.

Visando a identificar a opinião do jovem sobre o uso do dinheiro, Santos (2011) realizou uma pesquisa para verificar o nível de conhecimento financeiro dos alunos de ensino médio de escolas públicas em Porto Alegre e Região Metropolitana no Rio Grande do Sul, constatando que há uma grande disparidade entre o saber e aplicar o que se sabe. Percebeu-se que os discentes têm baixo conhecimento financeiro, reforçando a relevância da educação financeira para os jovens, desse modo, mostrando a necessidade de oferecer uma disciplina curricular obrigatória que trate da temática desde cedo.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa classifica-se como descritiva, pois busca identificar como as características demográficas e socioeconômicas influenciam o conhecimento financeiro dos estudantes do ensino médio. Segundo Gil (1989), esse tipo de pesquisa caracteriza-se como a descrição de um fato ou fenômeno, utilizando técnicas patronizadas para a coleta de dados. A abordagem metodológica adotada na pesquisa foi quantitativa que, de acordo com Beuren e Raupp (2008), caracteriza-se pelo emprego de instrumentos estatísticos.

O procedimento adotado foi o levantamento, para o qual foi utilizada a aplicação de um questionário adaptado das pesquisas de Potrich et al. (2013) e Potrich et al. (2015). Ademais, foram utilizadas questões que abordaram o conhecimento financeiro, sendo o instrumento estruturado em duas partes. A primeira apresentou questões referentes à caracterização do respondente e a segunda contemplou 13 assertivas relativas ao conhecimento financeiro concernente a temáticas como dinheiro no tempo, poupança, poder de compra, inflação, investimentos, juros e custo de oportunidade.

Para mensurar o conhecimento financeiro, o estudante deveria analisar os itens propostos e indicar uma única alternativa correta ou se desconhecia a resposta. Cada acerto tem o valor de um ponto e, caso não ocorresse o acerto, não se computava qualquer ponto. Desse modo, o score do conhecimento foi determinado pela soma dos acertos.

Antes da aplicação do questionário, realizou-se um pré-teste, utilizando o instrumento de pesquisa com um grupo de dez alunos do segundo ano do ensino médio para verificar a compreensibilidade das assertivas e, após os ajustes, iniciou-se a coleta de dados. No planejamento para a coleta de dados, incluiu-se o agendamento prévio com nove coordenadores das escolas públicas localizadas em Uberlândia-MG que oferecem ensino médio.

Para a aplicação do questionário, contou-se com o apoio dos coordenadores das escolas, tendo sido solicitada a autorização do professor para que os estudantes participantes respondessem ao questionário em sala de aula. Optou-se por seis salas de cada instituição, sendo duas turmas de cada série do ensino médio (1º, 2º e 3º ano).

A delimitação da população é não probabilística, selecionada por conveniência, devido ao não acesso a todas as instituições educacionais, portanto, a amostra da pesquisa foi composta por 976 estudantes matriculados entre o primeiro e terceiro ano do ensino médio no segundo semestre de 2016. A coleta ocorreu em nove instituições de ensino localizadas em Uberlândia-MG, quais sejam: Escola Estadual Alda Mota Batista, Estadual Américo René Gianetti, Escola Estadual Bueno Brandão, Escola Estadual Guiomar de Freitas Costa Polivalente, Escola Estadual do Parque São Jorge, Escola Estadual Segismundo Pereira, Escola Estadual Sergio de Freitas Pacheco e Escola Estadual Teotônio Vilela.

Para a análise dos dados, na primeira etapa, utilizou-se a estatística descritiva para a caracterização dos respondentes. Posteriormente, aplicaram-se dois testes estatísticos não paramétricos, Mann-Whitney (MW) e Kruskal-Wallis (KW), utilizando-se o *software SPSS (Statistics Package for Social Sciences)*. A escolha dos métodos deve-se ao fato de o escore de conhecimento financeiro ser uma variável ordinal por natureza e, além disso, o Teste Kolmogorov-Sminorv rejeitou que a distribuição dos escores atenda ao pressuposto de normalidade.

Conforme Fávero et al (2006) o teste de Mann- Whitney (MW) é aplicado quando a distribuição normal dos dados for rejeitada e busca-se analisar a associação entre duas variáveis independentes de populações com média igual. Já quanto ao teste de Kruskal - Wallis (KW) verifica se mais de duas variáveis ($k > 2$) são independentes em uma mesma população, em virtude disso, exige que pelo menos a normalidade e igualdade de variâncias sejam negadas.

A variável conhecimento financeiro é compreendida como dependente e as outras, como fatores. No teste do MW, têm-se apenas dois fatores, e, no caso do teste KW, mais de dois fatores. As variáveis socioeconômicas e demográficas selecionadas com base no referencial teórico são: (a) gênero; (b) idade; (c) escolaridade ; (d) escolaridade do pai; (e) escolaridade da mãe; e (f) renda própria.

O teste MW é utilizado para testar se duas amostras independentes foram retiradas de populações com medianas iguais. Nesse caso, considerando-se um nível de significância de 5%, foram testadas as variáveis categóricas binárias em relação ao conhecimento financeiro: gênero e se pretende ou não ingressar no curso superior. No caso da idade, período matriculado, renda e escolaridade dos pais. Por se tratarem de variáveis nominais com mais de duas categorias, utilizou-se o Teste KW, que verifica se, pelo menos, uma mediana é diferente entre os grupos.

Considerando o Teste MW, as hipóteses da pesquisa são expressas da seguinte forma:

H_{1.0}: A mediana dos escores de conhecimento financeiro é igual para homens e mulheres;

H_{2.0}: A mediana dos escores de conhecimento financeiro é igual para os estudantes quem pretende ingressar ou não em um curso superior.

Já para o Teste KW, as hipóteses da pesquisa devem ser expressas da seguinte forma:

H_{3.0}: A mediana dos escores de conhecimento financeiro é igual, independentemente da idade;

H_{4.0}: A mediana dos escores de conhecimento financeiro é igual, independentemente do período matriculado;

H_{5.0}: A mediana dos escores de conhecimento financeiro é igual, independentemente da renda;

H_{6.0}: A mediana dos escores de conhecimento financeiro é igual, independentemente da escolaridade dos pais.

No próximo tópico, apresentam-se os resultados alcançados após a aplicação dos testes estatísticos.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

A seção de análise dos resultados tem como primeira etapa uma descrição do perfil socioeconômico dos estudantes pesquisados. Em seguida, apresenta-se a relação das variáveis demográficas e socioeconômicas com o conhecimento financeiro.

4.1. Perfil dos Respondentes

A primeira parte do questionário teve como objetivo avaliar o perfil dos respondentes. Constatou-se que o maior percentual (41,8%) dos respondentes está matriculado no segundo ano do ensino médio, sendo predominante a faixa etária de 15 a 17 anos (84,0%), apontando um perfil mais jovem dos estudantes participantes da pesquisa. Já quanto ao gênero, prevalece o masculino como destaque (52,3%), enquanto o feminino na ordem de (47,3%).

No que se refere à pretensão de cursar o ensino superior, a maioria (85,3%) planeja continuar os estudos. Outro aspecto analisado foi quanto à renda, predominando a faixa de 1 a 2 salários mínimos (40,8%), ou seja, os recursos financeiros, no geral, apresentam-se baixos ao considerar os gastos que, geralmente, as famílias brasileiras têm. Já quanto à escolaridade dos pais, a maioria tem fundamental incompleto ou é analfabeto (23,3% pai e 20,5% mãe) e ensino médio completo (27,9% pai e 31,19% mãe), evidenciando que os pais têm baixo grau de instrução escolar.

4.2. Análise descritiva das Variáveis

Conforme mencionado, foram apresentadas 13 assertivas relativas ao conhecimento financeiro concernente a temáticas como dinheiro no tempo, poupança, poder de compra, inflação, investimentos, juros e custo de oportunidade aos estudantes do ensino médio. A Tabela 1 apresenta as frequências dos acertos e erros referentes às questões.

Tabela 1: Frequência das Variáveis

Questões	Erros		Acertos	
	N	%	N	%
Quest.1	786	76,8%	238	23,2%
Quest.2	771	75,1%	255	24,9%
Quest.3	606	59,2%	417	40,8%
Quest.4	570	55,4%	458	44,6%
Quest.5	731	71,9%	285	28,1%
Quest.6	586	57,7%	430	42,3%
Quest.7	699	68,4%	323	31,6%
Quest.8	538	52,3%	490	47,7%
Quest.9	634	61,8%	392	38,2%
Quest.10	392	38,2%	633	61,8%
Quest.11	285	27,7%	744	72,3%
Quest.12	481	47,1%	541	52,9%
Quest.13	332	32,2%	700	67,8%

Fonte: Dados da pesquisa.

Verifica-se que poucas questões apresentaram percentuais acima de 50% de acertos, a maioria foram marcadas com erro, evidenciando o baixo conhecimento financeiro dos estudantes pesquisados.

4.3. Resultados dos Testes Não Paramétricos

Conforme abordado na metodologia, aplicaram-se os testes estatísticos não paramétricos Mann-Whitney e Kruskal-wallis para analisar as diferenças de médias nos grupos selecionados. Os testes estatísticos foram efetuados no software SPSS com a significância de 5%. Primeiramente, apresentam-se os resultados do teste Mann-Whitney, a Tabela 2 registra a comparação de conhecimento financeiro entre os estudantes do gênero masculino e feminino.

Tabela 2: Teste de Medianas: Conhecimento financeiro X Gênero

Variáveis		N	Mediana dos Postos	Estatística Z	P-Valor
Gênero	Masculino	438	501,56	-4,368	0,000
	Feminino	484	425,25		

Fonte: Dados da pesquisa

Verificou-se que o conhecimento financeiro dos estudantes de ensino médio é estatisticamente diferente conforme o gênero ($Z=-4,368$; $p\text{-valor} < 0,000$). Desse modo, pela observação da mediana dos postos há indícios de que os homens apresentam um maior escore de conhecimento financeiro do que as mulheres, rejeitando-se, a hipótese de nulidade ($H_{1,0}$: A mediana dos escores de conhecimento financeiro é igual para homens e mulheres). Esses resultados são convergentes com os achados de Monteiro, Fernandes, e Santos (2011), ao constatarem que as respondentes de sexo feminino apresentam baixo conhecimento quanto a assuntos financeiros, se comparado com os respondentes do sexo masculino, uma vez que os questionamentos quanto a finanças foi significativamente influenciado pelo gênero.

Gorla et al (2016) ao analisar a quantidade de poupadores e gastadores entre mulheres e homens, verificou que os indivíduos do gênero masculino tem um escore maior referente à educação financeira se comparado com o gênero feminino, uma vez que os homens apresentavam-se mais poupadores do que consumidores no cotidiano do que as mulheres.

Em consonância com os resultados de Potrich et al. (2013), ao apontarem que os homens (média 2,21) têm maior alfabetização financeira do que as mulheres (média 2,03). Os autores justificam os resultados, relacionando-os aos diferentes processos de socialização impostos pela sociedade: quanto às meninas, as famílias adotam uma postura cautelosa, afirmando que é para sua proteção; já quanto aos meninos, há um incentivo para adquirirem práticas de tomada de decisões financeiras desde cedo, influenciando, assim, as suas atitudes em relação aos aspectos financeiros no decorrer do ciclo de vida.

No que tange ao interesse em ingressar ou não no curso superior, a Tabela 3 demonstra os resultados.

Tabela 3: Teste de Medianas: Conhecimento financeiro X Pretensão em Ingressar no Curso Superior

Variáveis		N	Mediana dos Postos	Estatística Z	P-Valor
Curso Superior	Pretende cursar	790	460,85	-5,226	0,000
	Não pretende	99	318,54		

Fonte: Dados da pesquisa

Os resultados indicam, a partir da diferença entre as medianas dos postos, que o conhecimento financeiro dos estudantes de ensino médio é estatisticamente diferente para aqueles que pretendem ou não ingressar no curso superior ($Z=-5,226$; $p\text{-valor} < 0,000$). Em vista disso, é possível inferir que aqueles que optaram por ingressar em uma faculdade, em um futuro próximo, por exemplo, detêm um maior escore de conhecimento financeiro. Dessa forma, rejeita-se a hipótese de nulidade ($H_{2,0}$: A mediana dos escores de conhecimento financeiro é igual para os estudantes quem pretende ingressar ou não em um curso superior). Verificou-se que há diferença significativa acerca do conhecimento financeiro entre os estudantes de ensino médio no que tange àqueles que pretendem cursar o ensino superior.

Ao considerarmos o Teste Kruskal-wallis, a Tabela 4 apresenta os resultados referentes à relação ao conhecimento financeiro entre os estudantes matriculados nos diversos períodos do ensino médio.

Tabela 4: Teste de Medianas: Conhecimento financeiro X Período do Ensino Médio

	Variáveis	N	Mediana dos Postos	P-Valor
Período	1º Ano	243	382,34	0,000
	2º Ano	387	468,52	
	3º Ano	284	506,80	

Fonte: Dados da pesquisa

É oportuno ressaltar que, ao realizar uma comparação múltipla depois do KW, confrontando a variável “período que cursa no ensino médio” com o grau de conhecimento financeiro, obteve-se um $p\text{-valor} < 0,00$. Então, analiticamente, conclui-se que existe, pelo menos, uma diferença encontrada por meio da mediana dos postos, e, certamente, há evidência estatística que entre o 1º ano e 3º ano existe essa discrepância, ou seja, os alunos do 3º ano têm um maior conhecimento financeiro do que os alunos do 1º ano.

Com esse resultado, rejeita-se a hipótese de nulidade ($H_{3,0}$: A mediana dos escores de conhecimento financeiro é igual, independentemente da idade), isto é, os alunos do último ano têm um maior escore de conhecimento financeiro do que aqueles do primeiro ano. Esses indicativos estão relacionados, muitas vezes, ao contato, ao longo dos estudos, com temas relacionados à matemática financeira, como juros simples e compostos, possibilitando ao aluno ser capaz de decidir, ao final do ensino médio, sobre as vantagens e desvantagens de uma compra à vista ou a prazo, bem como, por exemplo, avaliar as modalidades de juros bancários (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2006).

Steiger e Braido (2016), ao analisarem o conhecimento sobre finanças pessoais dos estudantes do ensino médio das escolas públicas de Arroio do Meio/RS, constataram que há um aumento de conhecimento de finanças dos alunos de acordo com a série em que estudam, indicando que a série do ensino médio cursada influencia, estatisticamente, o grau de conhecimento financeiro do aluno (Gorla et al, 2016). A Tabela 5 ilustra os resultados encontrados referentes à comparação do conhecimento financeiro entre os intervalos de idade dos estudantes do ensino médio.

Tabela 5: Teste de Medianas: Conhecimento financeiro X Idade dos estudantes do ensino médio

Variáveis	N	Mediana dos Postos	P-Valor
Idade	Menos de 15 anos	11	348,30
	De 15 a 17 anos	826	467,48
	De 18 a 20 anos	130	446,38
	Mais de 20 anos	8	439,19
			0,448

Fonte: Dados da pesquisa

Os resultados demonstram que a comparação entre os intervalos de idade dos estudantes não apresentou diferenças estatísticas (p -valor $> 0,00$), portanto, a mesma não inferiu no conhecimento financeiro, assim, não temos evidências suficientes para rejeitar a $H_{4.0}$ (A mediana dos escores de conhecimento financeiro é igual, independentemente do período matriculado). No estudo realizado por Gorla et al (2016), ao questionar os alunos do ensino médio das escolas públicas de Santa Carina identificou que a idade é significativa no que tange ao domínio financeiro.

Atkinson e Messy (2012) mencionam que os mais jovens e os mais idosos tendem a apresentar baixas pontuações no tocante a temáticas financeiras, um pressuposto em conformidade com os resultados de Henrique, Fonseca e Carneiro (2010), os quais constataram que os mais jovens e os mais idosos, entre uma faixa etária de 16 a 74 anos, erravam um número maior de respostas quanto aos conhecimentos financeiros. Assim, o conhecimento financeiro reflete efeitos cumulativos no tempo de vida do indivíduo (FERNANDES, LYNCH e NETEMEYER, 2014).

Em muitos estudos realizados, constatou-se a influência significativa da idade em relação à educação financeira. Costa e Miranda (2013), por exemplo, explicam essa correlação com o modelo do ciclo de vida, ou seja, quando mais jovens, as pessoas não poupam e consomem mais; na meia idade, os indivíduos atingem o auge ou o padrão de renda esperado, passando a pagar as dívidas e a poupar para a aposentadoria. Já no período da aposentadoria, com renda zero, as pessoas passam a não poupar e satisfazer as necessidades de consumo para aproveitar a velhice. Os autores complementam que, estatisticamente, a cada ano acrescentado na idade, o indivíduo poupa, em média, -0,37 pontos percentuais.

Os grupos ‘renda familiar’ foram agrupados em cinco intervalos. A Tabela 6 demonstra os resultados do teste Kruskal-wallis.

Tabela 6: Teste de Medianas: Conhecimento financeiro X Renda Familiar

Variáveis	N	Mediana dos Postos	P-Valor
Renda	Até 1 Salário Mínimo	102	360,94
	de 1 a 2 Salários Mínimos	378	441,08
	de 2 a 4 Salários Mínimos	281	489,11
	de 4 a 6 Salários Mínimos	104	506,91
	Acima de 6 Salários Mínimos	50	507,33
			0,000

Fonte: Dados da pesquisa

Verificou-se ainda que existe, pelo menos, uma diferença nos intervalos de renda investigados (p -valor $< 0,00$). Ao analisar que o menor posto é diferente do maior, infere-se que, estatisticamente, existe diferença. O resultado infere, por exemplo, que os estudantes com renda familiar até 1 salário mínimo apresenta diferença de conhecimento financeiro em relação aos estudantes com renda familiar acima de 6 salários mínimos. Nesse caso, rejeita-se a hipótese nulidade ($H_{5,0}$: A mediana dos escores de conhecimento financeiro é igual, independentemente da renda).

A partir desse pressuposto, expõe-se que, pelo menos, entre aqueles que dispõem de até um salário mínimo (R\$ 880,00), há um menor conhecimento se comparado com aqueles que recebem de quatro a seis salários mínimos (de R\$3.521,00 a R\$5.280,00). Esse resultado indica que há associação positiva entre a renda familiar e a capacidade de conhecimento financeiro. Desse modo, conclui-se que, elevando-se as rendas domésticas, também se incrementam as médias da dimensão do conhecimento financeiro (LIZOTE e VERDINELLI, 2014; VERDINELLI et al., 2014).

Potrich et al. (2013) alertam que a renda é uma variável significativa e tem uma influência positiva na alfabetização financeira, visto que os indivíduos com maior poder aquisitivo têm acesso a workshops, cursos, instruções financeiras personalizadas, oficinas, se comparados com aqueles que se enquadram em um patamar com baixa renda, os quais, muitas vezes, dependem de políticas públicas ou de iniciativa pessoal. Lopes et al. (2014) complementam que o pior nível de educação financeira foi encontrado em relação a alunos com renda de até 1 salário mínimo, e o melhor concentrava-se entre alunos com uma renda de 12 a 15 salários mínimos. Assim, a renda potencializa os efeitos ruins da falta de alfabetização financeira e, conseqüentemente, pode desencadear malefícios, como, por exemplo, a inadimplência.

Em suma, a renda influencia significativamente o conhecimento financeiro. Dessa maneira, esse resultado corrobora os achados de Gorla et al (2016), os quais apontam que a renda impacta na relação dos estudantes com o dinheiro, e as famílias com maior renda apresentam maior nível de educação financeira, visto que guardam seus recursos e gastam somente conforme o planejado.

A Tabela 7 apresenta os resultados do teste Kruskal-wallis referente à comparação do conhecimento financeiro dos estudantes do ensino médio, considerando a escolaridade do pai e da mãe. Os grupos de escolaridade dos pais foram divididos em seis intervalos.

Tabela 7: Conhecimento financeiro X Escolaridade dos Pais

Variáveis	Escolaridade do Pai			Escolaridade da Mãe		
	N	Mediana dos Postos	P-Valor	N	Mediana dos Postos	P-Valor
Escolaridade	Analfabeto/Fundamental incompleto	216	435,36	190	447,84	0,299
	Fundamental completo	83	441,31	64	421,35	
	Ensino médio incompleto	180	466,47	172	439,44	
	Ensino médio completo	258	452,10	288	473,94	
	Superior incompleto	52	426,75	53	428,08	
	Superior completo	112	472,19	148	488,15	

Fonte: Dados da pesquisa

Ainda, foram analisadas as medianas dos postos entre os intervalos indicados (analfabeto/Fundamental incompleto; fundamental completo; ensino médio incompleto; ensino médio completo; superior incompleto; e superior completo). Os resultados demonstram que a comparação entre os intervalos de escolaridade dos pais (tanto para o pai, como para a mãe) não apresentou diferença (p -valor $> 0,00$), portanto, não há evidência suficiente para rejeitar a hipótese de nulidade ($H_{6,0}$: A mediana dos escores de conhecimento financeiro é igual, independentemente da escolaridade dos pais).

Esses achados indicam que a instrução dos pais é uma variável independente do conhecimento financeiro dos filhos, diferindo dos resultados de outros autores, os quais afirmam que a escolaridade dos pais impacta a relação dos filhos com assuntos financeiros. Braido (2014), ao pesquisar os alunos universitários de uma instituição do ensino superior do Rio Grande do Sul, constatou que 51,96% dos estudantes foram orientados pelos pais, e apenas 6,86 % foram educados financeiramente na escola (ensino fundamental ou médio). Dessa forma, destaca-se a importância da erudição dos pais no tocante à formação financeira do filho.

Verdinelli et al. (2014) confirmaram estatisticamente que os alunos, cujos pais têm ensino superior, seja incompleto, completo ou com pós- graduação, consideram-se mais aptos a gerenciar suas finanças. Nesse aspecto, infere-se que a escolaridade paterna desempenha um papel importante, tanto na disseminação, bem como na consolidação da alfabetização dos filhos (LIAO e CAI, 1995).

Importante ressaltar que não foram realizados os testes de comparação múltipla após realizado o teste Kruskal-wallis. Assim, quanto aos grupos que apresentaram diferenças significativas, não é possível afirmar em qual grupo encontra-se a diferença.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aprendizagem financeira desempenha papel fundamental na tomada de decisão no cotidiano do indivíduo (ZUCCHI, 2017). A presente pesquisa buscou identificar como as características demográficas e socioeconômicas influenciam o conhecimento financeiro dos estudantes do ensino médio.

Primeiramente, levantou-se o perfil dos jovens estudantes participantes do estudo. De modo geral, a maioria está cursando o segundo ano do ensino médio, pertence ao gênero masculino, encontra-se na faixa etária de 15 a 17 anos e tem uma renda familiar de 1 a 2 salários mínimos.

Quanto aos resultados dos testes de diferenças de medianas, constatou-se que algumas variáveis demográficas e socioeconômicas influenciam o conhecimento financeiro dos estudantes. Verificou-se, por meio dos testes não paramétricos de Kruskal-Wallis e Mann-Whitney, que a pretensão de ingressar no ensino superior, o ano cursado do ensino médio, o gênero e a renda familiar apresentaram diferenças estatisticamente significantes quanto ao conhecimento financeiro dos alunos pesquisados. Já as variáveis idade e escolaridade dos pais não apresentaram diferença na comparação entre os grupos investigados.

Importante ressaltar que estudos correlatos que investigaram universitários e outros jovens matriculados no ensino médio, em outras regiões, também evidenciaram a influência das variáveis pesquisadas neste estudo (gênero, idade, renda, escolaridade dos pais) quanto ao conhecimento financeiro, tendo sido alguns resultados convergentes e outros, divergentes (COSTA e MIRANDA, 2013; POTRICH et al., 2013; LIZOTE e VERDINELLI 2014; VERDINELLI et al., 2014; GORLA et al., 2016; STEIGER e BRAIDO, 2016; e POTRICH et al., 2014).

Além disso, percebe-se que o conhecimento financeiro tem relação com as variáveis demográficas e socioeconômicas dos jovens estudantes. Verifica-se um baixo conhecimento financeiro, pois os estudantes apresentam dificuldades de entendimentos sobre os conceitos de mercado financeiro e até mesmo quanto a conhecimentos básicos, como o dinheiro no tempo. Os resultados revelam fragilidades referentes ao domínio básico sobre assuntos de finanças, os quais são essenciais no cotidiano de qualquer indivíduo. Adverte-se que esse quadro poderá afetar o planejamento das finanças pessoais e causar problemas sociais, como, por exemplo, o endividamento precoce.

O estudo ao identificar como as características pessoais, demográficas e de socialização influenciam o conhecimento financeiro de 976 estudantes do ensino médio constatou que há uma grande necessidade de políticas públicas ou iniciativas privadas que auxiliem os jovens a planejarem suas finanças pessoais, de modo a contribuir para a administração dos recursos financeiros pessoais e familiares.

Sugere-se a inclusão efetiva dos propósitos da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) nas escolas públicas e a adoção de disciplinas no currículo escolar que abordem noções de finanças pessoais desde os anos iniciais de estudo. Tornam-se relevantes, portanto, os incentivos aos programas educativos para promover a alfabetização financeira acessível e de conhecimento comum à população. Ressalta-se que já são oferecidas ações do Banco Central e da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), porém essas precisam ser disseminadas à população jovem, pois o acesso a essas ações é bastante restrito.

As limitações desta pesquisa referem-se, inicialmente, à amostra que não é probabilística, não podendo os resultados ser generalizados. Destaca-se ainda a relevância da amostra do estudo, composta por 976 participantes. Importante relatar que os dados foram obtidos por meio de preenchimento de questionário (auto relato), com questões relativas ao conhecimento financeiro, podendo ocasionar um viés, pois as respostas representam a interpretação dos participantes.

Sugere-se, para estudos futuros, ampliar a amostra da pesquisa para estudantes de ensino médio matriculados em escolas localizadas em outras regiões, a fim de permitir a comparabilidade dos resultados. Recomenda-se, ainda, investigar outras variáveis sociodemográficas determinantes no tocante à educação financeira.

REFERENCIAS

ATKINSON, A.; MESSY, F. **Measuring Financial Literacy: Results of the OECD / International Network on Financial Education (INFE) Pilot Study**. Disponível em: <http://www.oecdilibrary.org/docserver/download/5k*9csfs90fr4n.pdf?expires=1485459076&id=id&accname=guest&checksum=48356073DADA09DF70CECD6F61F414E6>. Acesso em: 26 jan. 2017.

BANCO CENTRAL. **O programa de Educação Financeira do Banco Central**. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/?BCEDFIN>>. Acesso em: 03 de jan. 2015.

BEUREN, I. M.; RAUPP, F. M. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 195 p.

BRASIL. Decreto n.º 7.397, de 22 de dezembro de 2010, Institui a Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF e dispõe sobre a sua gestão e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, p.7, 23 dez. 2010. Seção 1.

CERBASI, G. **Casais inteligentes enriquecem juntos**. 56. ed. São Paulo: Editora Gente, 2004.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO. **O perfil do endividamento das famílias brasileiras em 2016**. Disponível em: <http://cnc.org.br/sites/default/files/arquivos/perfil_de_endividamento_das_familias_brasileiras_em_2016_0.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2017.

COSTA, C. M.; MIRANDA, C. J. Educação financeira e a determinação da taxa de poupança. **Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade**, v. 3, n. 3, p. 309- 325, 2013.

CRISTINA, S.; HENRIQUES, M. **Aspectos da literacia financeira dos portugueses: um estudo empírico**. 2010. 255 f. Dissertação (Mestre em Contabilidade e Auditoria) - Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial, Universidade de Aveiro, Portugal, 2010.

DOMINGOS, R. **Terapia financeira: quebre o ciclo de gerações endividadas e construa sua independência financeira**. São Paulo: Elevação, 2007.

FÁVERO, L. P.; BELFIORE, P.; SILVA, F. L.; CHAN, B. L. **Análise de dados: modelagem multivariada para tomada de decisões**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

FALAHATI, L.; SABRI, M. F.; PAIM, L. HJ. Assessment a model of Financial Satisfaction Predictors: Examining the Mediate Effect of Financial Behavior and Financial Strain. **World Applied Sciences Journal**, v. 20, n. 2, p. 190-197, 2012.

FERNANDES, D.; LYNCH, J. G.; NETEMEYER, R. G. Financial Literacy, Financial Education and Downstream Financial Behavior. **Management Science**, p. 1861- 1883, 2014.

GADELHA, K. A. D. L.; LUCENA, W. G. L.; CORREIA, T. S. Decisões financeiras x formação acadêmica: uma contribuição com base na educação financeira. In: CONGRESSO UFSC DE CONTROLADORIA E FINANÇAS E INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM CONTABILIDADE, 5, 2014, Santa Catarina. **Anais...** Santa Catarina: UFSC, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

GITMAN, L. J. **Princípios de administração financeira**. 10. ed. São Paulo: Pearson Addison Wesley, 2004.

GORLA, M. C.; MAGRO, C. B. D.; SILVA, T. P.; NAKAMURA, W.T.A Educação Financeira dos Estudantes do Ensino Médio de Rede Pública segundo aspectos Individuais, Demográficos e de Socialização. In: CONGRESSO DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 16, 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2016.

HENRIQUES, S. C. M.; FONSECA, R. M. C.; AIBÉO, M. J. **Aspectos da literacia financeira dos portugueses: um estudo empírico**. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10773/3736>>. Acesso em: 27 jan. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE. **Despesas, rendimentos e condições de vida**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/>

populacao/condicaoodevida/pof/2008_2009/defaulttabzip.shtm>. Acesso em: 09 jan. 2016.

JOBIM, S. S. S.; LOSEKANN, V. L. Alfabetização financeira: mensuração do comportamento e conhecimento financeiros dos universitários da universidade da região da campanha, rio grande do sul. **Revistas Sociais e Humanas**, v. 28, n. 69, p. 125 – 139, 2015.

LIAO, T. F.; CAI, Y. Socialization life situations and gender role attitudes regarding the family among white American women. **Sociological Perspectives**, v. 38, n. 2, p. 241- 260, 2015.

LIZOTE, S. A.; SIMAS, J.; LANAS, J. Finanças Pessoais: um estudo envolvendo os alunos de ciências contábeis de uma instituição de ensino superior de Santa Catarina. In: SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, 9, 2012, Resende. **Anais...** Resende: SEGET, 2012.

_____.; VERDINELLI, M. A. Educação Financeira: um estudo das associações entre o conhecimento sobre finanças pessoas e as características dos estudantes universitários do curso de Ciências Contábeis. In: CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 14, 2015, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP, 2014. Disponível em:<<http://www.congressousp.fipecafi.org/web/artigos142014/442.pdf>>. Acesso em: 06 dez. 2015.

LOPES, A. V.; BADIO, C. A.; COIMBRA, J. C. M.; POZZAN, L.; BIAZOTO, R. P. Alfabetização financeira dos alunos dos cursos de administração de empresas, economia e ciências contábeis da FECAP. **Revista Linceu Online**, v. 4, n. 5, p. 53 – 71, 2014.

LUCCI, C. R.; ZERRENNER. A.; VERRONE, M. A. G.; SANTOS, S. C. A influência da educação financeira nas decisões de consumo e investimento dos indivíduos. In: SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO, 9, 2017, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP, 2006. Disponível em: <http://sistema.semead.com.br/9semead/resultado_seMead/trabalhosPDF/266.pdf> Acesso em: 23 jan. 2017.

MATTA, R. O. B. **Oferta e demanda de informação financeira pessoal**: o programa de educação financeira do Banco Central do Brasil e os universitários do Distrito Federal. 2007. 214 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Ciência da Informação) – Departamento de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MONTEIRO, D.L; FERNANDES, B.V. R; SANTOS, W.R. Finanças Pessoais: Um Estudo dos seus Princípios Básicos com Alunos da Universidade de Brasília. In: CONGRESSO NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS, 2, 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: AdCont, 2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Orientações curriculares para o ensino médio**: Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias. Disponível em: <[ttp://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_02_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_02_internet.pdf)>. Acesso em: 27 jan. 2017.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO-OCDE. **Improving Financial Literacy: Analysis of issues and policies**. Disponível

em:<<http://www.oecd.org/http://www.oecd.org/finance/financialeducation/improvingfinancialliteracyanalysisofissuesandpolicies.htm>>. Acesso em: 02 de jan. 2015.

POTRICH, A. C.; VIEIRA, K. M.; KIRCH, G. Determinantes da Alfabetização Financeira: análise da influência de variáveis socioeconômicas e demográficas. **Revista de Contabilidade & Finanças**, v. 26, n. 69, p. 362-377, 2015.

_____. Você é alfabetizado financeiramente? Descubra no termômetro de alfabetização financeira. In: Encontro Brasileiro de Economia e Finanças Comportamentais, 2014, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: FGV, 2014. Disponível em:<[http://cef.fgv.br/sites/cef.fgv.br/files/\[Mendes%20et%20al\]%20VOCE%20E%20ALFABETIZADO%20FINANCEIRAMENTE.pdf](http://cef.fgv.br/sites/cef.fgv.br/files/[Mendes%20et%20al]%20VOCE%20E%20ALFABETIZADO%20FINANCEIRAMENTE.pdf)>. Acesso em: 12 jul. 2016.

_____.; CERETTA, P. S. Nível de alfabetização financeira dos estudantes universitários: afinal, o que é relevante?. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 12, n. 3, p. 315-334, 2013.

_____.; PARABONI, A. L. O que influencia a alfabetização financeira dos estudantes universitários?. In: SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO, 16, 2013, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP, 2013. Disponível em: <<http://sistema.semead.com.br/16seMEad/resultado/trabalhosPDF/375.pdf>>. Acesso em: 01 de jan. 2016.

SANTOS, P. G. G. **Análise do conhecimento financeiro dos alunos de ensino médio**. 2011. 87 f. Monografia (Bacharel em Administração) – Departamento de Ciências Administrativas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2011.

SAVOIA, J. R. F.; SAITO, A. T.; SANTANA, F. A. **Paradigmas da educação financeira no Brasil**. Rio de Janeiro: nov./ dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?PiD=S0034-76122007000600006&script=sci_arttext>. Acesso em: 05 dez. 2015.

SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO CRÉDITO. **Carro, viagens e faculdade são principais itens que os jovens desejam mas não compram por falta de crédito, indica SPC Brasil**. Disponível em: <<https://www.spcbrasil.org.br/imprensa/noticia/2458>>. Acesso em: 01 fev. 2017.

SOHSTEN, C.V. **Como cuidar bem do seu Dinheiro: orçamento doméstico e planejamento das finanças pessoais: como controlar o dinheiro e viver sem dívidas: propriedade e investimentos, construindo sua riqueza**. 1. ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.

SOUZA, D.P. **A Importância Da Educação Financeira Infantil**. 2012. 75 f. Monografia (Bacharel em Ciências Contábeis) - Programa de pós- graduação da Faculdade de Ciências Sociais Aplicada, Centro Universitário Newton Paiva, Belo Horizonte. 2012.

STEIGER, G. A.; BRAIDO, G. M. Finanças pessoais na adolescência: conhecimento financeiro dos estudantes de ensino médio das escolas públicas da comarca de arroio do meio/RG. In: SIMPÓSIO DE ADMINISTRAÇÃO DA PRODUÇÃO, LOGÍSTICA E OPERAÇÕES INTERNACIONAIS, 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo: SIMPOI, 2016.

STEPHANI, M. **Educação Financeira: uma perspectiva interdisciplinar na construção da autonomia do aluno.** 2005.79 f. Dissertação (Mestre em Matemática) – Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2005.

VARGAS, G. B. **A Importância da Educação Financeira no Brasil.** Disponível em: <<http://ibefes.org.br/a-importancia-da-educacao-financeira-no-brasil/>>. Acesso em: 03 de jan. 2016.

VIEIRA, S. F. A.; BATAGLIA, R. T. M.; SEREIA, V.J. Educação financeira e decisões de consumo, investimentos e poupança: uma análise dos alunos de uma universidade pública. **Revista de Administração da UNIMEP**, v. 9, n. 3, p. 61 -86, 2011.

ZUCCHI, K. **Why Financial Literacy is So Important.** Disponível em: <<http://www.investopedia.com/articles/investing/100615/why-financial-literacy-and-education-so-important.asp>>. Acesso em: 13 maio 2017.